

ANTIDUMPING

Impacto das práticas antidumping sobre a produtividade e o poder de mercado das firmas industriais brasileiras

Favas contadas?

A burocracia na internalização dos acordos internacionais firmados pelo Brasil

OMC

Aspectos jurídicos do Programa Inovar-Auto no Relatório Final do Painel



2 EDITORIAL

Protecionismo, política industrial e acordos internacionais

Ricardo Markwald

4 *ANTIDUMPING*

Uma avaliação empírica das práticas de *antidumping* sobre a produtividade e o poder de mercado das firmas industriais brasileiras

Sérgio Kannebley Júnior, Rodrigo Remédio e Glauco Sampaio Oliveira

18 Defesa comercial e abertura comercial

Fabrizio Sardelli Panzini, Eduardo Freitas Alvim e Bruno Herwig Rocha Augustin

25 POPULISMO

Economia da reação populista

Dani Rodrik

30 INOVAR-AUTO NA OMC

Aspectos jurídicos sobre o Programa Inovar-Auto no Relatório Final do Painel constituído na OMC

Marcelo Maciel Torres Filho

46 POLÍTICA INDUSTRIAL

Precisamos mesmo de uma política industrial?

José Tavares de Araújo Junior

48 INTERNALIZAÇÃO DE ACORDOS INTERNACIONAIS

Favas contadas? A burocracia na internalização dos acordos internacionais firmados pelo Brasil

Diego Bonomo e Felipe Carvalho

Economia da reação populista*



Dani Rodrik

Dani Rodrik

é economista e autor de vários livros. Atualmente é Professor de Economia e Política Internacional em Harvard

O populismo vem crescendo há algum tempo, e é pouco provável que vá desaparecer. Esse texto argumenta que a reação populista à globalização não deveria ter constituído uma surpresa, à luz da história econômica e da teoria econômica. Porém, embora a reação tenha sido previsível, as formas específicas que ela assumiu foram de algum modo inesperadas, e estão relacionadas a como os choques da globalização se fizeram sentir na sociedade.

O populismo parece ser um fenômeno recente, mas na realidade vem crescendo já há algum tempo (Gráfico 1). Apesar dos recuos registrados nas recentes eleições realizadas nos Países Baixos e na França, é pouco provável que o populismo desapareça. A ordem econômico-política mundial parece se encontrar em um ponto de inflexão, e não se sabe ao certo a direção que tomará no futuro.

Populismo é um rótulo vago que abrange um conjunto diversificado de movimentos. O termo se origina no final do século XIX, quando uma coalizão de agricultores, trabalhadores e mineiros nos EUA reagiu ao padrão-ouro e ao *establishment* bancário e financeiro na região nordeste do país. A América Latina, por sua vez, tem uma longa tradição de populismo que remonta à década de 1930, exemplificada pelo peronismo. Hoje, o populismo abrange uma ampla gama de movimentos políticos, incluindo partidos anti-euro e anti-imigrantes na Europa, como o Syriza, na Grécia, e o Podemos na Espanha, o nativismo anti-comércio de Trump nos EUA, o populismo econômico de Hugo Chávez na América Latina e muitos outros. O que todos eles compartilham é uma orientação anti-*establishment*, uma pretensão de falar pelo povo contra as elites, a oposição à economia liberal e à globalização, e muitas vezes (mas nem sempre) uma propensão à governança autoritária.

A reação populista pode ter sido uma surpresa para muitos, mas na verdade não deveria ter sido, se considerada à luz da história econômica e da teoria econômica.

Tomemos inicialmente a história. A primeira era da globalização sob o padrão-ouro produziu o primeiro movimento populista autoconsciente na história, como observado acima. A reação política não tardou a surgir no comércio, nas finanças e na imigração. O declínio dos preços agrícolas mundiais nos anos 1870 e 1880 provocou uma pressão para a retomada da proteção às importações. Com exceção da Grã-Bretanha, quase todos os países europeus elevaram as tarifas agrícolas até o final do século XIX. Os limites à imigração também começaram a aparecer no final do século XIX. Em 1882, o Congresso dos Estados Unidos aprovou a infame Lei de Exclusão de chineses, que restringiu especificamente a imigração chinesa. A imigração japonesa foi afetada em 1907. O padrão-ouro despertou a

* Nota: Esta é uma versão traduzida do artigo publicado originalmente pela VoxEU em 03/07/2017, em inglês, sob o título *Economics of the populist backlash*, que pode ser acessado através do *link*: <http://voxeu.org/article/economics-populist-backlash>.

GRÁFICO 1

O AVANÇO DO POPULISMO NO MUNDO

Apoio a partidos populistas ao longo do tempo em países com pelo menos um partido populista



Notas: Ver Rodrik (2017) para fontes e metodologia.

ira dos agricultores, porque foi considerado responsável pelas restrições ao crédito e por um efeito deflacionário sobre os preços agrícolas. Em discurso proferido na convenção nacional democrata de 1896, o agitador populista William Jennings Bryan pronunciou uma frase que ficou famosa: “Não se deve crucificar a humanidade em uma cruz de ouro”.

Para qualquer pessoa familiarizada com os fundamentos econômicos do comércio e da integração financeira, a natureza politicamente controversa da globalização não deveria constituir uma surpresa. Os modelos-padrão com os quais os economistas internacionais trabalham tendem a ter fortes implicações redistributivas. Um dos teoremas econômicos mais notáveis é o teorema de Stolper-Samuelson, que gera implicações distributivas muito acentuadas em economias abertas ao comércio. Especificamente, em um modelo com dois bens e dois fatores de produção, com uma completa mobilidade interssetorial dos fatores, os proprietários de um dos dois fatores têm necessariamente uma posição menos vantajosa com a abertura comercial. O fator que é usado de forma intensiva no bem importável deve sofrer um declínio em seus rendimentos reais.

O teorema de Stolper-Samuelson assume condições muito específicas. Mas há um resultado semelhante a Stolper-Samuelson que é extremamente geral e que pode ser enunciado da seguinte forma: sob condições

competitivas, desde que o(s) bem (bens) importável (importáveis) continue (m) a ser produzido (s) domesticamente – isto é, descartando a especialização completa –, há sempre pelo menos um fator de produção que é prejudicado pela liberalização do comércio. Em outras palavras, o comércio produz genericamente perdedores. A redistribuição é o lado negativo dos ganhos do comércio: sem esforço não há recompensa (“no pain, no gain”).

A teoria econômica tem uma implicação adicional, que é menos reconhecida. Em termos relativos, os efeitos redistributivos da liberalização aumentam e tendem a superar os ganhos líquidos à medida que as barreiras comerciais em questão se tornam mais reduzidas. A razão entre a redistribuição e os ganhos líquidos aumenta à medida em que a liberalização do comércio lida com barreiras progressivamente menores.

A lógica é simples. Consideremos primeiramente o denominador desta relação. Trata-se de um resultado padrão nas finanças públicas que o custo de eficiência de um imposto aumenta com o quadrado da taxa de imposto. Uma vez que uma tarifa de importação constitui um imposto sobre as importações, a mesma convexidade aplica-se igualmente às tarifas. Tarifas baixas acarretam efeitos de distorção muito pequenos; já as tarifas elevadas produzem efeitos negativos muito consideráveis. Do mesmo modo, os ganhos de eficiência da liberalização do comércio tornam-se progressivamente menores à medida que as barreiras diminuem. Os efeitos redistributivos, por outro lado, são mais ou menos lineares em relação às mudanças de preços e são invariantes, na margem, em relação à magnitude das barreiras. Reunindo esses dois fatos, temos o resultado que acabamos de afirmar, a saber, que as perdas sofridas por grupos adversamente afetados por cada dólar de ganho de eficiência são maiores quanto menor for a barreira que é removida.

A evidência está em sintonia com essas expectativas teóricas. Por exemplo, no caso do NAFTA, Hakobyan e McLaren (2016) constataram efeitos adversos muito significativos para uma “minoria considerável” de trabalhadores norte-americanos, enquanto Caliendo e Parro (2015) estimam que os ganhos globais do acordo para a economia dos EUA foram diminutos (um ganho de “bem-estar” de 0,08%).

Em princípio, os ganhos do comércio podem ser redistribuídos para compensar os perdedores e garantir que nenhum grupo identificável seja deixado para trás. A abertura comercial foi grandemente facilitada na Europa pela criação de estados de bem-estar social. Mas os EUA, que se tornaram uma economia efetivamente

aberta relativamente tarde, não se moveram na mesma direção. Isso pode explicar por que as importações de parceiros comerciais específicos, como a China ou o México, são muito mais polêmicas nos EUA.

Os economistas entendem que o comércio causa perda de emprego e diminuição de renda para alguns grupos. Porém, é mais difícil para eles explicar porque o comércio é o alvo escolhido tão frequentemente por populistas à direita e por populistas à esquerda. Afinal, as importações são apenas uma entre tantas causas de realocação nos mercados de trabalho e, normalmente, nem mesmo a mais importante. O que torna o comércio tão relevante em termos políticos? Talvez o comércio seja um bode expiatório conveniente. Mas há outra questão, mais profunda, que torna a redistribuição causada pelo comércio mais polêmica do que outras formas de competição ou mudança tecnológica. Às vezes, o comércio internacional envolve tipos de competição que são descartados em escala nacional porque violam normas domésticas ou arranjos sociais amplamente mantidos. Quando tais “intercâmbios bloqueados” (Walzer, 1983) são viabilizados pelo comércio, eles levantam questões de justiça distributiva difíceis de equacionar. O que suscita a oposição da população não é a desigualdade por si só, mas a percepção de injustiça.

A globalização financeira é, em princípio, semelhante ao comércio, na medida em que gera benefícios econômicos globais. No entanto, as opiniões atuais de economistas sobre a globalização financeira podem ser mais bem descritas como ambivalentes. A maior parte do ceticismo é dirigida aos fluxos financeiros de curto prazo, que estão associados a crises financeiras e a outros excessos. Os fluxos de longo prazo e o investimento estrangeiro direto em particular são vistos geralmente de forma favorável. O investimento estrangeiro direto tende a ser mais estável e promover o crescimento. Contudo, há evidências de que produziu mudanças na tributação e no poder de barganha que são adversas ao trabalhador.

O ciclo de crescimento e contração associado aos influxos de capital é conhecido há muito tempo dos países em desenvolvimento. Antes da Crise Global, havia uma presunção de que tais problemas eram em grande parte algo específico dos países mais pobres. As economias avançadas, com suas instituições e suas regulações mais adequadas, estariam livres das crises financeiras induzidas pela globalização financeira. Mas não foi isso que aconteceu. Nos EUA, a bolha imobiliária, a tomada desmedida de riscos e a alavancagem excessiva durante os anos que antecederam à crise foram amplificadas por

“

O que torna o comércio tão relevante em termos políticos? Talvez o comércio seja um bode expiatório conveniente... Às vezes, o comércio internacional envolve tipos de competição que são descartados em escala nacional porque violam normas domésticas ou arranjos sociais amplamente mantidos

”

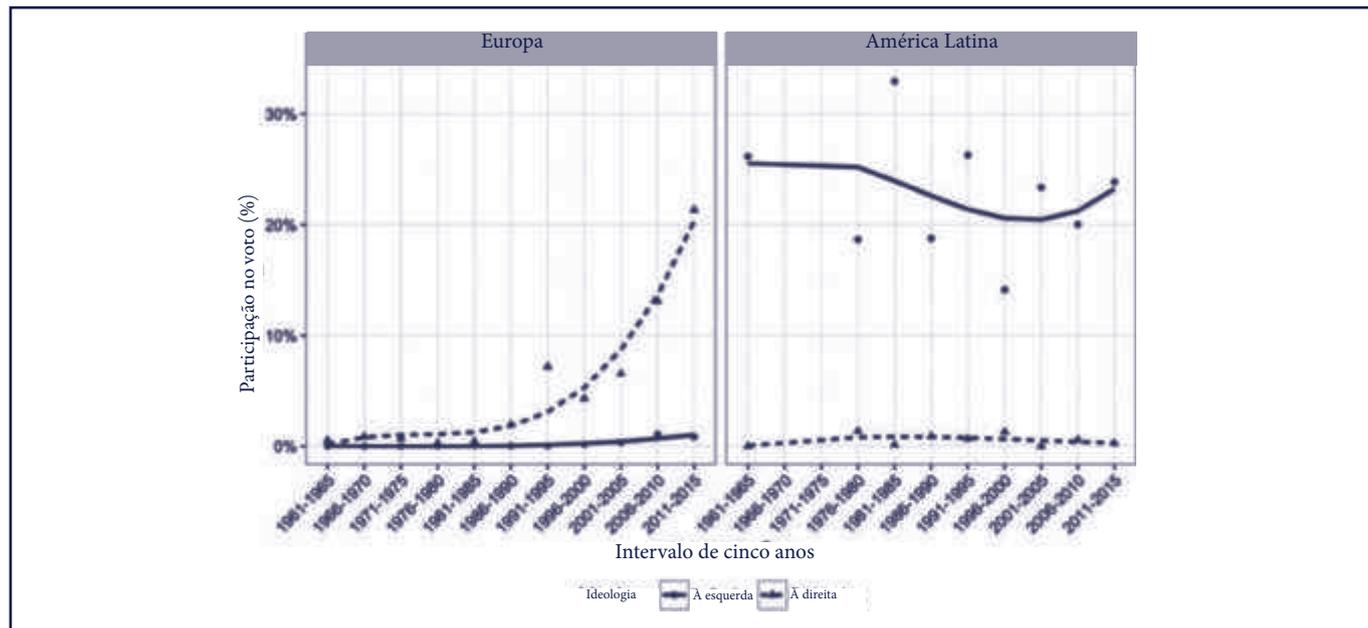
ingressos de capital do restante do mundo. Na zona do euro, a integração financeira, em escala regional, desempenhou um papel ainda mais importante. A ampliação do crédito promovida pela convergência da taxa de juros acabaria por se transformar em contração e a provocar colapsos econômicos persistentes na Grécia, na Espanha, em Portugal e na Irlanda, uma vez que o crédito secou logo após a crise nos EUA.

A globalização financeira parece ter produzido impactos distributivos adversos nos países, em parte também por seu efeito na incidência e na profundidade das crises financeiras. Deve-se levar em consideração a recente análise de Furceri *et al.* (2017) que examina 224 episódios de liberalização da conta de capital. Os autores constatam que a liberalização da conta de capital leva a declínios estatisticamente significativos e duradouros na parcela da renda relativa ao trabalho e a aumentos correspondentes no coeficiente de Gini de desigualdade de renda e na participação na renda daqueles se situam entre os 1%, 5% e 10% no topo da pirâmide. Além disso, a mobilidade de capital desloca a carga tributária e o peso dos choques econômicos para o fator imobilizado, o trabalho.

A reação populista pode ter sido previsível, mas a forma específica que ela assumiu nem tanto. O populismo apresenta versões diferentes. É útil distinguir entre as variantes de esquerda e as de direita do populismo, que diferem em relação às clivagens societárias que os políticos populistas destacam e tornam visíveis. O movimento progressista dos EUA e a maioria do populismo latino-americano assumiram uma feição de esquerda. Donald Trump e o populismo europeu representam hoje, com algumas exceções, a variante de direita (Figura 2). O que explica o surgimento de variantes de direita *versus* esquerda de oposição à globalização?

GRÁFICO 2

PADRÕES CONTRASTANTES DO POPULISMO NA EUROPA E NA AMÉRICA LATINA



Notas: Ver Rodrik (2017) para fontes e metodologia.

Sugiro que essas diferentes reações estão relacionadas às formas em que os choques da globalização se fazem sentir na sociedade (Rodrik, 2017). É mais fácil para os políticos populistas se mobilizarem ao longo de clivagens etno-nacionais/culturais, no momento em que o choque da globalização se torna evidente na forma da imigração e entrada de refugiados. Essa é, em grande parte, a história dos países avançados na Europa. Por outro lado, é mais fácil se mobilizar ao longo das linhas de renda/classe social, quando o choque da globalização assume principalmente a forma de fluxos comércio, financiamento e investimento estrangeiro. Esse, por sua vez, é o caso do sul da Europa e da América Latina. Os Estados Unidos – onde, sem dúvida, ambos os tipos de choques tornaram-se bastante evidentes recentemente –, produziu populistas de ambos os matizes (Bernie Sanders e Donald Trump).

É importante distinguir o lado da demanda e o lado da oferta no crescimento do populismo. A ansiedade econômica e as lutas distributivas exacerbadas pela globalização geram uma base para o populismo, mas não determinam necessariamente sua orientação política. A relevância relativa das clivagens disponíveis e as narrativas fornecidas pelos líderes populistas são o que fornece orientação e conteúdo para as reclamações. Desprezar essa distinção pode obscurecer os respectivos papéis dos fatores econômicos e culturais na condução da política populista.

Finalmente, é importante enfatizar que a globalização não foi a única força em jogo – nem sequer, necessariamente,

a mais importante. As mudanças tecnológicas, a ascensão dos mercados onde impera o “tudo ou nada”, a erosão das proteções ao mercado de trabalho e o declínio das normas que restringem os diferenciais de remuneração fizeram parte delas. Esses desenvolvimentos não são inteiramente independentes da globalização, na medida em que eles tanto a promoveram quanto foram reforçados por ela. Mas tampouco podem ser reduzidos a isso. No entanto, a história econômica e a teoria econômica nos oferecem fortes razões para acreditar que os estágios avançados da globalização são propensos a reações populistas.

Referências

Caliendo, L., e F. Parro (2015), *Estimates of the Trade and Welfare Effects of NAFTA*, **Review of Economic Studies**, 82: 1–44.

Furceri, D., P. Loungani e J. D. Ostry (2017), *The Aggregate and Distributional Effects of Financial Globalization*, *paper* não publicado, FMI, junho.

Hakobyan, S., e J. McLaren (2016), *Looking for Local Labor Market Effects of NAFTA*, **Review of Economics and Statistics**, 98(4): 728–741.

Rodrik, D. (2017), *Populism and the Economics of Globalization*, CEPR [Center for Economic Policy Research], *paper* para discussão n° 12119.

Walzer, M (1983), *Spheres of Justice: A Defence of Pluralism and Equality*, Martin Robertson: Oxford.

Você conhece o www.funcexdata.com.br ?



FuncexData é uma ferramenta de apoio a profissionais e instituições envolvidos na promoção e no desenvolvimento do comércio exterior brasileiro. Oferece dados de forma ágil, objetiva, rápida e informações que possibilitam desenvolver diversas atividades de "inteligência comercial", ou que demandam embasamento estatístico, tais como elaboração de análises e diagnósticos, seleção e identificação de públicos-alvo, prospecção, planejamento de ações e tendências, entre outras.

	Compra	Venda
Dólar (América)	1,2810	1,2829
Coréia (Kor)	4,1479	4,1494

O FuncexData é uma ferramenta de inteligência comercial desenvolvida pela Funcex que traz ao alcance do usuário informações diversificadas e atualizadas sobre o comércio exterior brasileiro.

Como acessar?

O FuncexData é composto por duas áreas, uma pública e outra restrita. Veja como acessá-las:

Área Pública

Para se cadastrar, acesse <http://www.funcexdata.com.br/cadastramento.asp>. Preencha o formulário e aguarde o envio da senha por e-mail.

Área Restrita

O valor da assinatura varia de acordo com o nível de acesso à ferramenta. Para obter maiores informações, entre em contato conosco nos telefones: (21) 2509-7000, 3529-7002 ou por e-mail: assinaturafuncexdata@funcex.org.br

Consulte o endereço www.funcex.org.br para se informar sobre as vantagens em se tornar Mantenedor da Funcex e ganhar descontos na assinatura do FuncexData.



comércio exterior como instrumento de desenvolvimento econômico e social.

Esta é a visão da FUNCEX, pioneira em sua área de atuação.

A Funcex agradece a seus instituidores e mantenedores pelo apoio e confiança recebidos em 2017.
Buscando colaborar cada vez mais com nossos parceiros, desejamos sucesso em seus empreendimentos em 2018.
Que possamos seguir juntos, compartilhando conquistas e trabalhando em prol do comércio exterior brasileiro.

- Abimaq - Associação Brasileira da Ind. de Máquinas e Equipamentos
- Abiquim - Associação Brasileira das Indústrias Químicas
- Apex-Brasil - Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos
- Banco Bradesco
- Banco BTG Pactual
- Banco Central do Brasil
- Banco do Brasil
- Banco do Nordeste do Brasil
- Banco Itaú
- Banco Santander
- Bndes - Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico e Social
- Caixa Econômica Federal
- Ciergs - Centro das Indústrias do Rio Grande do Sul
- Cisa Trading
- CNC - Confederação Nacional do Comércio de Bens Serviços e Turismo
- CNI - Confederação Nacional da Indústria
- Embraer - Empresa Brasileira de Aeronáutica
- Fiesc - Federação das Indústrias do Estado de Santa Catarina
- Fiesp - Federação das Indústrias do Estado de São Paulo
- Firjan - Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro
- IABr - Instituto Aço Brasil
- IRB - Brasil Resseguros
- IRB - Brasil Resseguros
- LCA Consultores
- MB Associados
- Petrobras - Petróleo Brasileiro
- Senai - Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial.
- Vale

FUNCEX



fundação
centro de estudos
do comércio
exterior



Ajudando o
Brasil a expandir
fronteiras

www.funcex.org.br